

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM... (Sóbe a característica)

SPEAKER: - O ÍDOLO PARTIDO!... (Sobe novamente a característica)

Um programa que Roberto Lis escreveu, vai dirigir e interpretar com os seus artistas do Grande Teatro Difusora, que é uma oferta da PANTACO S.A. INDUSTRIA E COMERCIO aos seus amigos e freguezes.

(Sóbe mais uma vez a característica, entrando, a seguir, o anúncio da PANTACO S.A.)

SPEAKER: - Em vista do atrazo com que tem chegado a correspondencia do interior, ~~organizado para o concurso~~ referente ao Concurso que a Pantaco S.A. organizou para os ouvintes do Grande Teatro Difusora, avisamos aos interessados que até o dia 15 do corrente ainda receberemos as cartas que chegarem em resposta às tres perguntas que formulamos e que são as seguintes:

- 1ª - Está satisfeito com o Grande Teatro Difusora?
- 2ª - Acha que ele deve ser modificado?
- 3ª - Quais as modificações que sugere?

Assim, no dia 15, impreterivelmente, será encerrado o recebimento das cartas para que se proceda a classificação e contagem das mesmas e no primeiro programa, depois da referida data, se realize então o anunciado sorteio cujos prêmios são os seguintes:

- Premio para os Chefes de familia (senhora ou senhor) 50 metro de parquet, gratuitos.
- Premio para as senhoritas - Um fino vidro de perfume.
- Premio para rapazes - uma fina manta de lã, americana.
- Premio para meninas - um livro.
- Premio para meninos - Idem, idem.

Aproveite, pois, amigo ouvinte, a dilatação do prazo do Concurso Pantaco e mande a sua carta com a sua apreciação sobre o Grande Teatro Difusora.

(Sóbe a característica por alguns instantes)

"Ídolo partido" tem a seguinte distribuição:

Dr. Breno.....	Roberto Lis	Vitor Morel
Fernando.....	Vitor Morel	Roberto Lis
Consuelo.....	Roberto Lis	Roberto Lis
Francisco.....	Roberto Lis	Roberto Lis
Dolores.....	Roberto Lis	Roberto Lis
Martinho... (cortado)	Roberto Lis	Roberto Lis
Dionisia.....	Roberto Lis	Roberto Lis
Martinho... (cortado)	Roberto Lis	Roberto Lis
Lais.....	Roberto Lis	Roberto Lis

Encarregado do Estúdio..... Emilio Belo
Sonofonia de..... Elio Machado

(Sóbe a característica ainda uma vez, por alguns instantes, baixando, depois, aos poucos, até desaparecer).

- Dolores - Por que motivo papai teria convocado esta reunião? Vocês não fazem nenhuma ideia? Eu procuro uma razão e não encontro.
- Francisco- Não sei, mas eu tenho cá os meus palpites.
- Consuelo - O que pensas tu, maninho?
- Francisco- Bem, pôde não ser o que eu penso e Deus permita que não seja porque o meu palpite, se fôsse exato seria muito desagradavel para todos nós.
- Dolores - Pois ã ga duma vez que palpite é.
- Francisco- Bem, mas a questão é que pôde não ser...
- Fernando - Se você vai dizer alguma tolice é melhor calar, Francisco.
- Consuelo - Óra, Fernando, que mal tem que ele diga o que pensa?
- Fernando - Você já sabe, Consuelo, que o Francisco só pensa bobagens. Por que insistir em que ele diga uma bobagem com referencia a nosso pai que merece toda a nossa consideração e todo o nosso respeito? Um pai a quem nós devemos tudo o que temos e tudo o que somos?
- Consuelo - Mas eu estou certa de que Francisco não seria capaz de pensar uma coisa de papai que o diminuisse aos nossos olhos.
- Dolores - Está claro, Fernando, você é que está exagerando as coisas. Fala, Chiquinho, fala. Diga o que você pensou.
- Francisco- Sim, agora eu vou dizer mesmo, porque diante dessa arenga toda que o Fernando fez vocês serão capazes de pensar que eu estou pensando um bicho de sete cabeças a respeito de papai.
- Dolores - Pois então diga logo o que foi que você pensou e não prolongue mais a nossa curiosidade com tererês que nada resolvem.
- Francisco- Eu pensei que papai nos fez reunir aqui para participar-nos o seu casamento.
- Consuelo - Que casamento?
- Dolores - (quasi ao mesmo tempo que Consuelo) Com quem?
- Francisco- Bem, não sei com quem e nem sei se ele alguma vez pensou em casar-se de novo, foi um palpite como outro qualquer.
- Fernando - Uma tolice como todas as que você diz. Então você não sabe que embora nossa mãe não resida com ele que ela vive ainda?
- Francisco- Sim, eu sei, mas... a questão é que hoje é tão comum a pessoa casar-se no Uruguay...
- Fernando - Admiro-me que você conhecendo papai da maneira como conhece e sabendo bem a sua linha de conduta ainda seja capaz de pensar numa tolice tão grande! Francisco, você devia ter mais respeito nos pensamentos referentes a papai. Ele é bem digno disto e de muito mais!
- Consuelo - Bem, maninho, você está se excedendo no seu rigor com o mano Chiquinho. Eu estou certa de que ele não teve nenhuma intenção de menosprezar o carater de papai e menos ainda de desrespeitá-lo. Você bem sabe como todos o adoramos. Ele é para nós um verdadeiro ídolo. (Passos que se aproximam)
- Dolores - Papai aí vem. Não vale mais palpite. (Silencio e só os passos perto)
- Breno - Sentem-se todos. (ruido de cadeiras. Pausa.) Meu filhos, eu os reuni aqui para uma comunicação assaz dolorosa e à qual, infelizmente, não me posso furtar. (Pausa) Trata-se de vossa mãe. (Pausa) Fui procurado por alguém que me veio, como emissário dela, pedir que eu consentisse que vocês fossem vê-la porque ela sente que vai morrer. Aqui tem vocês, neste cartão, o endereço onde ela se encontra. Não lhes direi que vão nem que deixem de ir. Cada um proceda de acôrdo com a sua própria consciencia. E era só o que eu tinha para dizer-lhes. (Passos de af.)

Consuelo - (após uma pausa) E agora? O que faremos?

Francisco- Eu acho que deveremos ir. Se está às portas da morte e nos mandou chamar... (Pausa) O que pensam vocês?

Dolores - ~~Eu~~ Eu penso da mesma forma que tú. É nossa mãe, afinal. Seja lá o que fôr que tenha feito a papai... Se ele mesmo não nos impede de ir. O que lhe parece, mana Consuelo?

Consuelo - Eu teria receio de magoar a papai mas uma vez que ele nos dá liberdade de proceder de acôrdo com a nossa consciencia... afinal é como você diz maninha: é nossa mãe. Está às portas da morte e deseja ver-nos. Foi o proprio papai quem nos transmitiu esse desejo dela..

Francisco- É, também me parece. (Pausa) É uma situação que a gente não sabe o que fazer. De um lado a consciencia, do outro o coração.

Dolores - (após uma pausa grande) O que diz você, Mando? Até agora não falou. Como irmão mais velho não pôde furtar-se a um conselho neste momento de dificuldade em que nos encontramos.

Fernando - Eu penso que de maneira alguma deveremos descontentar papai e muito me nos, ainda, magoá-lo. Creio que não precisarei lembrar a vocês o que ele tem sido para nós e o que nos tem dado em dedicação, carinho e sacrificio. Ficamos todos pequenos quando mamãe nos abandonou e ele, ao contrário do que fazem quâsi todos, permaneceu ao nosso lado, desempenhando duplas funções. Nunca nos entregou a uma governante, nunca mandou buscar a qualquer das suas parentas para tomar conta de nós, nunca nos internou num collegio, nunca tratou de arranjar uma companheira para a sua solidão. E tudo isto por nós, apenas. Não temos, pois, o direito de magoá-lo. Eu não creio que, intimamente, ele possa deixar de sentir-se com aquele que esquecendo os motivos da sua separação, atenda ao apêlo da mulher que não soube respeitar o seu nome. ^{porque} eu não magoaria papai por coisa alguma deste mundo porque o adoro ^{porque} ele é para mim é um ídolo. E esse gesto de nos reunir aqui para nos comunicar o último desejo de nossa mãe nada mais é do que uma prova da sua elegancia moral e da integridade do seu carater. (Pausa) Esta é a minha opinião e eu não irei vê-la. Façam voces o que quizerem. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

- Dionísia - O seu dotô Breno num tâ, não sinhô. *(Cortar esta cena e acrescentar outra em que Dionísia diga que a mãe faleceu depois da morte.)*
- Martinho - Mas não tem nenhum dos filhos em casa, ou das filhas?
- Dionísia - Num tem ninguem, num sinhô. Tô só eu.
- Martinho - E eu tinha necessidade absoluta de falar com algum deles!...
- Dionísia - Pois é, sim sinhô, mais ele num tão. *(Ela vai sem ninguém saber avisar a senhora)*
- Martinho - Eu vou lhe dizer o que se trata, talvez a senhora possa tomar alguma providencia para mandar avisá-los. É que a mãe deles acaba de entrar em agonia e desejava vê-los. Ontem o doutor Breno foi avisado desse último desejo da pobre moribunda e prometeu que providenciaria.
- Dionísia - Eu num tenho como avisá eles, num sinhô. Eles foi tudo pra fóra, hoje de minhã bem cedo.
- Martinho - Vai ver então que o Dr. Breno nem lhes disse nada.
- Dionísia - Disse, sim sinhô. Disse que eu uvi as minina tâ falando.
- Martinho - Bem, talvez lhes dissesse mas os proibisse de ir.
- Dionísia - Tombem num poribiu, num sinhô. O que eu uvi elas dizê é que o seu dotô avisô elas e disse pre elas que quem quizesse podia im.
- Martinho - Será possível, meu Deus?!... Que filhos ingratos!... Ainda que eles tivessem inúmeras razões da pobre desgraçada - o que eu não acredito que pudessem ter - na hora extrema deveriam esquecer e perdoar.

- Dionisia - Eu num tenho o direito de falã nem de me metê mais si eles tivesse me priguntado alguma coisa eu tinha acunseiado eles de im.
- Martinho - Foi pena que não ^{lhes} tivesse aconselhado. Talvez que se alguem lhes tivesse feito ver que atender uma alma em agonia é uma obra de caridade que se pratica, que algum deles estivesse agora junto à pobre enferma para cerrar-lhe os olhos na hora extrema que a cada momento mais e mais se aproxima.
- Dinnisia - Mais eu acho que num diantava de munto o meu conseio, não, moço. Eu acho que num cunvicia o seu Fernando que é o mais vêio e o mais loco pulo pai. E o que ele diz os otro tudo faiz.
- Martinho - É... Deus permita que um dia ele não venha a se arrepender da dureza do seu coração. Ele pôde casar.. ter filhos... o mundo dá tanta volta! Bem, mas a senhora, afinal, não tem culpa de coisa nenhuma. Muito obrigado, então, e se achar que deve dizer a eles que eu estive aqui, pôde dizer.
- Dionisia - Tá munto bem, sim sinhô. Eu digo, sim.
- Martinho - Obrigado e passe bem, minha velha.
- Dionisia - Passe bem, sim sinhô.

(CORTINA MUSICAL)

- Francisco - Telefonaste para a minha casa me procurando? *(Fazer a cena entre Consuelo e Fernando. Esta pedindo ao irmão para preparar o pai p: o pedido de Marcelo)*
- Marcelo - Sim, Francisco, precisava muito falar contigo e até estive na porta da Faculdade, à hora da saída, vendo se te encontrava.
- Francisco - Eu não fui à Faculdade ontem. Passamos dois dias fóra.
- ~~Francisco~~ Marcelo - Pois hoje é que Consuelo me disse, quando falei com ela, de manhã, pelo telefone. Mas afinal eu nem te ofereci uma cadeira. Senta-te um pouco. Não pagas mais por isto.
- Francisco - Não, não, obrigado. A demora é pouca não vale a pena sentar. A não ser que seja muito longo o assunto que desejas tratar comigo.
- Marcelo - Não, é rápido mas em todo o caso senta-te para ficarmos ambos mais à vontade. Sabes o que desejo de ti?
- Francisco - Estou justamente à espera de que me digas.
- Marcelo - Tu não ignoras que ha mais de um ano eu e Consuelo nos namoramos, não é verdade? Lembro-me até que a primeira vez que nos falamos furtivamente, tu nos deste um susto formidável! (Francisco ri) Fiquei com tanta raiva de ti naquela noite que nunca poderia imaginar que ainda viria a ser tão teu amigo.
- Francisco - É que tu compreendeste, depois, que eu fiz aquilo apenas para me divertir. Por simples brincadeira.
- Marcelo - Mas uma brincadeira de mão gôsto que estragou a minha barraquinha. Justamente quando eu principiava a entender-me com ela e a dizer-lhe a simpatia que ela me despertara, chegas tu numa simulada afobação a gritar: "o pai vem aí, o pai vem aí". Foi cada um para o seu lado e depois, devido ao susto de Consuelo, somente nos pudemos falar uma semana depois. Também eu tinha jurado a mim mesmo que onde te encontrasse a geito ia te dar uns tabêfes. (Francisco ri) E tu ainda ris, não é malandro?
- Francisco - Claro, pois eu fazia isto para me divertir.
- Marcelo - Pois bem, tu que nos deste o primeiro susto que nos separou por oito longos dias, fôste agora o escolhido para nos aproximar definitivamente. Quero que fales com teu pai e intercedas em meu favor para que eu trate casamento com Consuelo.

Francisco - Ih, Marcelo, que missão espinhosa tu me vens delegar.

Marcelo - Tu que és meu amigo e me conheces bem, me pareceste o melhor indicado para interceder por mim. Porque te parece espinhosa a missão? Acreditas que papai se oporá à realização do nosso sonho?

Francisco - Não posso prever o que ele pensará. Papai é muito retraído e nunca nos diz claramente o que está sentindo. Se digo que a missão é espinhosa é porque justamente em vista do seu retraimento não temos grande franqueza com ele e principalmente nestes assuntos mais sérios ha sempre, entre nós, um grande constrangimento. Fernando é o que tem mais afinidade com ele e mais desembaraço para falar-lhe em certos assuntos. Acredito que ele seria melhor advogado do que eu.

Marcelo - Mas a questão, Francisco, é que as minhas relações com Fernando você sabe como são. Apenas nos cumprimentamos e de quando em vez trocamos algumas palavras de polidez e nada mais. Não tenho a franqueza suficiente para chegar a ele e fazer-lhe um pedido desta natureza.

Francisco - Pois bem, façamos então o seguinte. eu direi a Fernando as suas pretensões e pedirei a ele para interceder por você junto a papai. Creio que assim ficará melhor.

Marcelo - Você fará isto? Pois então desde já muito lhe agradeço.

Francisco - Nada tem que me agradecer, Marcelo. Os amigos são para as ocasiões. E eu só lamento que você não tenha também umas duas ou tres irmãs bem boas para eu aproveitar a vasa e tirar a minha fôrra. (riem os dois)

(CORTINA MUSICAL)

Consuelo - Mas afinal, Nando, o que é que papai alega contra Marcelo?

Fernando - Papai não tem nada contra o rapaz. Simplesmente acha que não é casamento para você.

Consuelo - E por que não? Se é um rapaz de bons costumes, honesto, trabalhador e pertencente a uma boa familia não posso compreender por que papai não o considere um bom casamento.

Fernando - Os pais, maninha, desejam sempre o melhor para os seus filhos. E papai, sobretudo, porque você bem sabe como ele é conosco. Dedicadissimo. Cuidadosissimo. Amigo como nós não teremos outro. Naturalmente ele quer para você um homem que alem de todas as qualidades de Marcelo tenha, ainda, uma posição de grande destaque na sociedade. Um homem, enfim, que pelo seu nome e pela sua posição financeira esteja mais à altura da nossa familia. Compreendeu agora?

Consuelo - Compreendi perfeitamente. Para papai Marcelo é um nome apagado, sem futuro, sem projeção, um rapaz, enfim, que não está na altura de pretender entrar para a nossa familia. Não procurarei combater este ponto de vista de papai. A única coisa que pretendo fazer ver a ele é que amo Marcelo sinceramente e que a pouca ou muita projeção do seu nome em nada poderão influir na minha felicidade.

Fernando - Não me parece que te assista o direito de fazer ver a papai isto ou aquilo, mana Consuelo. Papai é um homem assás criterioso e reconhecidamente justo. Se ele não vê com bons olhos o teu casamento, como filha obediente e dedicada nada mais te restará fazer sinão aceitar resignada o seu veriditum.

Consuelo - Mas é a minha felicidade que está em jogo, Fernando. Não esqueças isto. Penso que me assiste o direito de lutar por ela.

Fernando - Pela sua idade e pela sua experiencia papai conhece muito mais a vida do que nós, mana Consuelo e se ele achasse que a sua felicidade estava nas mãos desse rapaz eu estou certo de que ele não teria nenhuma dúvida em concordar com o casamento. Você mesma, refletindo calmamente, ha de chegar a igual convicção. E eu estou certo de que você não será capaz de contrariar papai. Você não pôde nem deve fazê-lo. Para você ele deverá ser, como é para mim, o modelo de todos os modelos paternos.

Consuelo - Você acha, então, que eu não devo nem mesmo conversar com papai a respeito deste assunto?

Fernando - Acho. No calor da conversa você poderia muito bem deixar escapar uma palavra que o magoasse e eu estou certo de que você sofreria depois muito mais do que renunciando a esse casamento que não lhe convem. Faça o que eu lhe aconselho, maninha. Ponha de parte essa ideia e espere com paciência e resignação que o seu dia chegará. Eu bem compreendo que isto ha de lhe custar algumas lágrimas e algumas noites de insônia mas lembre-se que esse pequeno sacrificio não será inútil pois reverterá em benefício de nosso pai que nos merece muito mais do que isto. (Pausa) E você vai fazer o que eu digo; não é verdade, maninha? (Pausa) Vamos, maninha, responda. Sim ou não?

Consuelo - (abafada) Sim, Fernando.

Fernando - Eu sabia. Eu tinha a certeza de que você não seria ingrata. Obrigado, maninha. Obrigado por mim e por papai.

(CORTINA MUSICAL)

(Dolores está cantarolando uma música alguns momentos. Quando Dionisia chega e lhe dirige a palavra ela então cessa de cantar). (Passos se ap.)

Dionisia - Ih a minha fia Delor tá cuntenta hoje! Parece que tá indivinhando passa rinho verde.

Dolores - Estou contente mesmo, Dionisia e tu nem sabes porque?

Dionisia - Moça da sua idade fica cuntenta pur qualquer coisa. A aligria já tá na folça do sangue.

Dolores - Ah mas não é por qualquer coisa que eu estou contente, não. Estou contente por uma coisa muito boa, até. Queres que eu te diga porque, Dionisia? Pois eu vou te dizer. É que eu arranjei um namorado, sabes?

Dionisia - Um namorado, minha fia? Misiricoldia!... E o seu dotô sabe disso?

Dolores - Não, ele não sabe nada. E cuidado, hein? Não vãs dizer nada a ele.

Dionisia - Deus me livre, minha fia!... Ocê sabe que a nega vêia num gosta de fazer lambança. Ela gosta é que meceis viva sempre em paiz.

Dolores - Ele é tão bonito, Dionisia que tu nem sabes. É moreno alto, de bigodinho. Chama-se Henrique. Ha tres dias que ele passava aí e olhava para mim com grande insistencia. Na esquina parava e olhava para trás. Hoje ele me cumprimentou e sorriu, Dionisia. Ah eu senti um calor tão grande que tive a impressão de que fiquei toda vermelha. Amanhã quando ele passar aí eu vou te mostrar. Tu vais ver que amor ele é!

Dionisia - Cuidado, minha fia. Ocê num divia de namorá sem falá premero com o seu dotô.

Dolores - (dando gargalhadas) Óra, Dionisia, francamente!... Você pensa que hoje ainda é como no seu tempo? (gargalhadas) Pedir licença para namorar!... (gargalhadas) Não, Dionisia, hoje as coisas mudaram completamente. Hoje já não se usa mais isso de pedir licença ao pai para namorar. (gargalhadas).

Dionisia - Num fica se rindo anssim, minha fia. A nêga vêia sabe a razão pulque diz isso pra mecê. Mecê num divia de namorá nem gostá de ninguem.

Dolores - Óra essa, Dionisia, por que? Qual a razão por que não devo namorar nem gostar de ninguem?

Dionisia - Pulque a sua vida não lhe peltence, minha fia. E a minha fia gostando de arguem vai tê que sofrê munto dispois.

Dolores - Não hei de sofrer, não, Dionisia, porque eu não serei tola como foi Consuelo. Eu saberei fazer valer a minha vontade. E o que o meu coração pe dir é que se fará. (afasta-se cantarolando muito alegre)

Dionísia - Póbre da minha fia!... Si ela subesse!... Eu tenho tanta peninha dela!...

2007
(CORTINA MUSICAL)

Breno - Dize à Consuelo que desejo falar-lhe, meu filho.

Fernando - Sim, papai, vou chamá-la, imediatamente.

Breno - E fica por lá enquanto eu estiver em conferencia com ela. Depois podes vir.

Fernando - Perfeitamente, papai. (Passos que se afastam)

Breno - As filhas mulheres sempre nos dão o que pensar e o que fazer. Muito mais do que os homens! E na época que atravessamos todo o cuidado é pouco. Enfim, aos imperativos da vida não é possível ninguém fugir. (Passos que se aproximam) Aí vem ela. Vejamos como recebe a noticia que lhe vou dar.

Consuelo - (afastada) Dá licença, papai?

Breno - Aproxima-te, minha filha. (Os passos se aproximam mais)

Consuelo - Nando me disse que o senhor queria falar comigo?

Breno - É verdade. (Pausa) Podes sentar-te. (Pausa) Sabes, filha, que tenho uma ótima noticia para dar-te?

Consuelo - Sim, papai?

hastei →
Breno - É verdade. Uma ótima noticia. Fui procurado hoje no escritório pelo Dr. Uchôa que me foi pedir a tua mão para o seu filho Mário. (Pausa) Eu, naturalmente, respondi a ele que teria que consultar-te primeiro para depois dar qualquer resposta definitiva. Antes, porem, que me digas sim ou não, desejo salientar aos teus olhos o valor e a importancia da familia Uchôa e as qualidades pessoais do teu futuro noivo. É um ótimo rapaz a quem eu receberia de braços abertos. É sócio do pai na fazenda do Arroio Manduca que ele mesmo dirige. É muito trabalhador, muito conceituado e se não possui o titulo do pai nada fica a dever-lhe, porem, na integridade de carater e na retidão de conduta. Teu pai se sentiria felicissimo de poder responder sim ao Dr. Uchôa. (Pausa) E então, minha filha, o que dizes?

Consuelo - Paisinho eu... o senhor compreende que uma coisa assim, tão inesperada... Eu... se não lhe aborrecesse, é claro, pediria... pediria uns dias para pensar, antes de aceitar ou recusar a proposta.

Breno - Uns dias não será possível, filha. Eu fiquei de dar uma resposta amanhã ao Dr. Uchôa e não devo, de maneira nenhuma, pedir-lhe um prazo maior. Ele sentiria logo a tua indecisão e ela iria naturalmente ofendê-lo. Tens a noite toda para pensar e amanhã voltaremos ao assunto. Peço-te, porem, que não esqueças que teu pai aceitará essa união com grande alegria. E agora deixo-te a sós para que inicies a consulta ao teu próprio coração. (Passos que se afastam)

Consuelo - (abafada, após uma pausa, quando os passos se perdem na distancia) Que situação terrível, meu Deus!... Por que ha de o destino divertir-se sempre em contrariar o nosso coração? Porque havia de descontentar a meu pai o pedido de um homem a quem eu quiz tanto e ha de entusiasma-lo esse outro a quem mal eu conheço? Razão tinha Dionísia quando me dizia que a mulher só vem a conhecer verdadeiramente o sofrimento depois que o coração desperta para o amor. E é isto mesmo. Depois que sofremos e choramos por amor todos os outros motivos que nos fizeram chorar nos parecem fúteis. (Passos que se aproximam) Apenas uma noite para resolver um destino! Isto é horrível!...

Fernando - E então, maninha? Papai já lhe falou?

Consuelo - Sim.

Fernando - Você deve ter percebido como ele está satisfeito com a perspectiva de uni-la à familia Uchôa?

Consuelo - Sim.

Fernando - E você naturalmente já pensou que não tem o direito de privá-lo de tão grande alegria.

Consuelo - Nando, por favor, Nando, pense um pouco. Eu mal conheço esse rapaz. Eu não o amo, Nando.

Fernando - O amor vem depois com a convivência, maninha. Dizem todos e é verdade. E os casamentos de amor nem sempre nos abrigam de profundas decepções. Temos disto o exemplo em casa. Veja papai. Não seja tola, maninha. Quantas invejarão a sua sorte. Quantas!... Um rapaz que aos vinte e poucos anos de idade é sócio de uma formidável fazenda! E depois o sacrifício de um pequeno período de adaptação vale bem pela grande alegria que você poderá oferecer a papai. Ao nosso bom e querido papai, tão nobre e tão digno. Não é verdade, maninha? (Pausa) Responde. Não é verdade que ele é nobre e digno?

Consuelo - É, Nando.

Fernando - Pois então você já sabe o que tem a fazer.

(CORTINA MUSICAL)

Francisco - Como se chama essa moça?

Fernando - Laís.

Francisco - E por que razão papai vai recolhê-la à nossa casa?

Fernando - Porque ela foi criada por D. Eulália, uma senhora que muito auxiliou papai na sua mocidade. Foi D. Eulália que, depois da morte de Vôvô, custeou todos os estudos de papai. É unicamente a ela que papai deve o seu título e a posição que hoje desfruta na sociedade.

Francisco - Ah bem, eu ignorava essa particularidade. Nem nunca ouvi papai falar no nome dessa senhora.

Fernando - É que papai foi sempre muito retraído e de muito pouca conversa, como você sabe. A mim, no entanto, por várias vezes ele fez referência a este fato. Contou-me mesmo que a auxiliava com uma mesada, depois que ela perdeu toda a fortuna. Agora ela morreu, a moça ficou só...

Francisco - Ah bem, neste caso papai não tinha mesmo outra coisa a fazer, mas é pena porque é sempre desagradável uma pessoa estranha morando na casa da gente. Inclusive se fosse um rapaz... Uma moça vai tolher-nos completamente a liberdade em que vivemos.

Fernando - Papai diz que ela é muito bôa de gênio e que se dará perfeitamente conosco. Além disto é uma moça de trinta e seis anos, já mais esclarecida, com mais prática da vida e tudo isto facilitará mais a nossa adaptação.

Francisco - Ah bom, é uma solteirona. Eu estava pensando que fosse uma mocinha toda pintadinha, toda cheia de dengues... Ai eu ia ser obrigado a desistir do casaco de pijama e dos chinélos sem meias. Está bom, em todo o caso... dos males o menor. ✕

(CORTINA MUSICAL)

Dolores - O que é isso, Dionisia? Não, não, quem vai colocar o véo da maninha sou eu. Eu já tinha pedido a ela que me concedesse esse privilégio.

Dionisia - Tá munto bem, minha fia, pôde butá. Eu ia fazê pulque já temo atrazada.

~~Dolores - Não, não, quem vai colocar o véo da maninha sou eu. Eu já tinha pedido a ela que me concedesse esse privilégio.~~ Dizem que dá sorte uma moça solteira botar o véo na noiva. Ih maninha você vai ficar tão linda!... Veja se acha bem assim ou se quer mais para traz.

Consuelo - (triste) De qualquer forma está bem, Dolores.

Dolores - Óra essa, de qualquer forma, não. Você tem que se apresentar o melhor possível para o seu noivo. Veja, Dionisia o que é que você acha?

Dionisia- A minha fia tá mais bunita do que uma rainha.

Dolores - Bem, então segure o bouquet que eu vou avisar papai que você está pronta. (Passos que se afastam)

Dionisia- Assenta um mucado pra discansá, minha fia, pur inquanto seu dotô num vem.

Consuelo- Não, Dionisia, eu não quero sentar. Estou aflitissima para acabar de vez com essa ridícula comédia.

Dionisia- Num diz anssim, minha fia que num presta. Mecê inda vai sê munto filizia cum ele si Deus Nosso Sinhô quizê.

Consuelo- Eu não acredito na felicidade de um casamento onde o amor foi esquecido, Dionisia.

Dionisia- Nesse caso a minha fia num divia de se casá-se.

Consuelo- Dou a minha vida e a minha felicidade em holocausto à satisfação de meu pai.

Dionisia- Que rica fia, meu Deus!... (Passos que se aproximam) Hoje em dia já não se vê mais...

Consuelo- Cala-te que papai aí vem.

Breno - (afastado) Estás pronta minha filha?

Consuelo- Sim, papai. (Passos se aproximam bem)

Breno - Então vamos que estão todos lá em baixo à nossa espera. (Passos que se afastam)

Dionisia- (depois que os passos desaparecem) Póbre da minha fia!... (chorando) Deus Nosso Sinhô tenha pena dela e dê carma e filicidade pre ela um dia!...

(CORTINA MUSICAL)

Breno - Esta é Laís, de quem já falei a vocês. Meus filhos Fernando, Dolores e Francisco.

Laís - Muito prazer em conhecê-los. (Fernando diz: "Igualmente." Dolores diz: "obrigada" e Francisco diz: "Da mesma forma".) Mas... falta uma, não?

Breno - A mais velha. Consuelo. Casou ha pouco tempo e reside fóra.

Lair - Ah bem. Eu sabia que eram quatro. Você é o mais velho?

Fernando- Sim senhora.

Laís - Oh, por favor, não me chame de senhora. Vamos morar juntos e eu faço questão de ser muito íntima e muito amiga de todos. (Fernando agradece)

Breno - E eu desejo que assim seja. Bem, ~~Laís~~ Laís, você está em sua casa. Dolores depois lhe mostrará o seu aposento. Você vai me dar licença que eu tenno uma conferencia marcada para as quatro e meia.

Laís - Pois não doutor, não se constranja por minna causa.

Breno - Até logo então. (Os filhos respondem: "Até logo, papai".)

Laís - Até logo, doutor. (Passos que se afastam) Vocês teem uma ótima casa. Creio que vou me dar muito bem aqui.

Dolores - Quer ver agora o seu quarto eu lhe acompanho até lá.

Laís - Sim, podemos ver.

Dolores - Vamos, então. É lá em cima, junto ao meu.

Lais - Com licença, sim?

Fernando - Pois não, à vontade. (Passos que se afastam)

Francisco - Bem simpática, não te parece?

Fernando - Simpática, sim.

Francisco - Mas não é uma solteirona, como tu me disseste. É bem moça ainda.

Fernando - Tem quâsi trinta e sete anos, segundo me disse papai. E ele deve estar bem informado pois morou com ela varios anos, depois da morte de Vôvô.

Francisco - Pois vou te dizer que não representa mais de vinte e quatro, vinte e cinco anos. E note-se que ela não demonstra a menor preocupação de parecer mais moça. Nem usa quâsi pintura.

Fernando - Ha creaturas assim. Papai, por exemplo. Quem será capaz de dizer que ele tem cincoenta e seis anos? Pelo seu aspecto, quando muito poderá dar-se a ele quarenta e cinco anos.

Francisco - Outros representam muito mais do que teem. Tu por exemplo. Ninguém dirá que tens só vinte e um. Pareces um homem de vinte e oito ou trinta. Eu tambem estou convencido de que isto vai muito do temperamento da pessoa. Tu tens alma de velho, Nando, é por isso.

Fernando - Não, Francisco, o motivo é outro. Eu pareço muito mais velho do que voces todos por uma única razão: porque tenho juizo.

(CORTINA MUSICAL)

Dolores - Eu preciso de um favor de você, Lais.

Lais - Pois não, Dolores. E eu terei muito prazer se puder servi-la.

Dolores - Pôde, sim. Eu já senti que a sua opinião tem grande influencia no espirito de papai e desejava que você conseguisse dele permissão para que eu conversasse com Henrique ao menos duas vezes por semana.

Lais - Henrique quem é? O seu namorado?

Dolores - É, sim. Você vai conhecê-lo e vai ver que amor ele é.

Lais - Está bem, Dolores, eu poderei falar a seu pai, só o que não posso é garantir-lhe antecipadamente o sucesso da minna missão. Você conhece melhor o seu pai do que eu e sabe como ele é severo e exigente em certos particulares.

Dolores - Sei, sim, mas sei tambem que você exerce uma grande influencia no espirito dele e se você fizer uma forcinna eu tenho certeza de que ele acabará cedendo. Você promete que faz, promete?

Lais - Claro que prometo. Hei de fazer todo o possivel.

Dolores - (beijo) Você é um anjo, Lais. Obrigada.

(CORTINA MUSICAL)

Fernando - Para que você desista totalmente dessa ideia, Dolores, eu terei que repetir a você tudo o que papai me disse.

Dolores - Eu mais ou menos já imagino o que seja. Botou mil e um defeitos no meu pretendente. É sempre assim. Já com Consuelo aconteceu a mesma coisa.

Fernando - (zangado) Cale-se. Não injurie papai. Você não tem esse direito. Tudo o que ele fez, até hoje, tem sido para o nosso bem. Você não poderá casar-se com Henrique nem com homem nenhum.

Dolores - Ora essa, Nando, porque?

Fernando - Porque ao completar dezoito anos deverá tornar-se ireira.

Dolores - Como!?!... (O que foi que você disse?!... Eu parece que não ouvi bem...

Fernando - Eu repito para que ouça melhor. Você aos dezoito anos deverá tornar-se freira. (Exclamação de assombro de Dolores) Foi uma promessa que papai fez quando você era pequenina.

Dolores - Mas papai não tinha o direito de dispor desta forma da minha vida!

Fernando - Não seja ingrata. Foi por você mesma que ele o fez. Você estava quase morta e ele, na ancia de salvá-la, prometeu a Jesus que a deixasse ficar com ele até aos dezoito anos e que depois disto, então, ele faria de você uma religiosa.

Dolores - (abatida) Antes me tivesse deixado morrer.

Fernando - Cale-se. Não diga heresias. Você crê, por acaso, que também não custe a papai entregá-la a um convento em pleno despertar da sua mocidade? É um sacrificio enorme que ele faz em cumprimento a uma sagrada promessa. E agora que já sabe o que o futuro lhe reserva, abandone de vez a ideia do casamento e trate de habituar-se à lembrança de vestir um hábito.

(CORTINA MUSICAL)

Fernando - Não creio que papai possa estar de acôrdo com a sua ideia, Francisco. Em primeiro lugar porque você é ainda uma criança para pensar em casar-se. Vai completar apenas vinte anos e depois porque a menina a quem você escolheu não está à altura de entrar para a nossa familia. Toda a cidade sabe que a mãe dela, em sua mocidade, foi uma artista de opereta.

Francisco - O que não impede que seja uma excelente creatura, como realmente o é.

Fernando - Não digo o contrário mas você precisa compreender que a sociedade não a receberia do mesmo modo como o faria a outra que tivesse um passado limpo. Em qualquer parte onde você se apresentasse com ela sempre haveria quem soubesse e lembrasse o que passou e muitos haveriam de voltar-lhe o rosto. Isto seria imensamente desagradavel para você e para nós.

Francisco - Nando, você é meu amigo e terá que ajudar-me. É só com você que eu conto para me auxiliar a convencer papai de dar-me o seu consentimento. Você ha de conhecer Ana Lucia e verá que eu tenho razões de sobra de estar assim apaixonado. Ela é um encanto, Nando, um verdadeiro encanto!

Fernando - Acredito que seja, mas aconselho-o a não se entusiasmar tanto assim por que duvido muito que papai seja capaz de abafar o orgulho que sente do seu nome e da sua posição na sociedade, pelos encantos de uma pequena que não possui outras credenciais alem da sua propria beleza.

Francisco - Nando, eu não gostaria de contrariar papai mas sou capaz de te afirmar que se ele se opuzer aos meus planos, pela primeira vez na vida irei desobedecê-lo.

Fernando - Não acredito, Francisco. Não acredito que tu sejas capaz de uma coisa destas. Estou certo que dizes isto sem nenhuma convicção íntima e simplesmente levado pelo teu entusiasmo de momento. Mas tu não deixarás de considerar o que papai fez por nós e o que nos merece de respeito e gratidão. Serias o primeiro a desobedecer-lhe e a dar-lhe um profundo desgosto. Poderias viver feliz depois disto? Não creio. Não, Francisco, tu não vais fazer nada contra a vontade de papai. Prometo-te que falarei com ele e que empregarei os meus melhores esforços no sentido de convencê-lo a concordar com os teus planos.

Francisco - Sim, Nando, faz isto que eu te ficarei eternamente grato.

Fernando - Mas se independente de todos os meus esforços papai disser que não eu espero que tu não continues a insistir e nem faças loucuras. Oferece o sacrificio do teu amor pela felicidade dele e não lhe terás feito nenhum favor.

(CORTINA MUSICAL)

Lais - Estás pronta, Dolores?

- Dolores - Sim. Deixo-te este pequeno cofre com algumas joias para que as dividas com Consuelo.
- Lais - Obrigada, Dolores. Guardarei as que me tocarem com profundo carinho. E creê que lamento sinceramente não me ter sido possível convencer teu pai de desistir da promessa que fez. Tenho muita pena de ti, Dolores.
- Dolores - Estou resignada com a minha sorte, Lais. E só peço a Deus que me dê a coragem necessária para manter-me sempre fiel a ele.
- Lais - Irei ver-te todos os domingos para conversar um pouco contigo. Queres?
- Dolores - A tu presença será sempre um motivo de satisfação para mim, Lais. Foste bôa para mim e eu te estimo bastante.
- Lais - E aqui em casa hei de procurar preencher, junto a teu pai e a teus irmãos, o vácuo que lhes deixas nos corações.
- Dolores - Desejo ainda de ti um último favor, Lais.
- Lais - Todos os que eu te puder fazer, Dolores.
- Dolores - Quero que fales um dia a Henrique e lhe digas o que me custou, em lágrimas, a renúncia do seu amor.
- Lais - Prometo de cumprir o teu pedido logo que me seja dada ocasião.
- Dolores - Diz a ele que até o momento em que Jesus se aposse do meu coração hei de lembrar-me dele e pedir a Deus pela sua felicidade.
- Lais - Pôdes partir descansada, Dolores, na certeza absoluta de que as tuas disposições serão todas cumpridas. (Passos que se aproximam, lentos) Desejas mais alguma coisa?
- Dolores - Que guardes contigo a certeza de que te sou muito grata por todo o bem que me procuraste fazer.
- Dionisia - O seu Dotô manda avisá que o artomôve já tá aí na polta.
- Dolores*
Lais - Bem, Lais, é chegada a hora de nos separarmos. Antes de abraçar-te deixa-me olhar bem para estas paredes que abrigaram os meus sonhos e as minhas lágrimas. (Pausa) Foram muitos os sonhos... e as lágrimas não foram poucas. (Pausa) Meu quarto verde!... Verde como a esperança que alimentou meus sonhos de menina!... Deixo aqui em meu lugar o fantasma da minha desilusão!... (Pausa. Outro tom) Adeus, Lais. (beijo)
- Lais - (chorosa) Adeus, Dolores. Irei ver-te Domingo, se teu pai consentir.
- Dolores - Adeus, Dionisia.
- Dionisia - (chorando) Adeus, minha rica fia. Deus Nosso Sinhô que te ajude e te guie. (Soluça. Passos que se afastam).
- Lais - Pôbre Dolores!... Como me dóe o coração!...
- (CORTINA MUSICAL)
- Lais - Bom dia, Francisco.
- Francisco - Bom dia, Lais. Você e Nando ainda não se resolveram a falar a papai sobre o assunto que lhes pedi?
- Lais - Sim, falamos ontem à noite e casualmente eu vinha procurá-lo para dar-lhe o resultado da nossa missão.
- Francisco - Ora até que enfim!... Há mais de um mez que vocês levavam protelando este instante.
- Lais - Mas você bem viu que foi por motivo de força maior, Francisco. Com a saída de sua irmã para o convento seu pai ficou com os nervos muito abalados.

dos. Não era, positivamente a ocasião de falarmos a ele num assunto que iria naturalmente desagradá-lo. Tínhamos que esperar um pouco que o seu estado de ânimo serenasse para podermos alimentar a esperança de sermos melhor sucedidos. Foi o que fizemos.

Francisco - E então? O que foi que ele disse?

Lais - Francisco, acredite que eu lamento sinceramente ser obrigada a dizer a você que fomo muito mal sucedidos.

Francisco - Não é surpresa para mim, Lais. Eu já esperava isto mesmo.

Lais - Seu pai nem nos deixou terminar o assunto e se lhe digo com esta franqueza é para que você não volte a insistir nelê.

Francisco - ~~Seu~~ Papai não tem feito outra coisa sinão cortar pela raiz as nossas esperanças. Assim foi com Consuelo, depois com Dolores e agora comigo.

Lais - Não fale assim, Francisco. Lembre-se que a intenção de seu pai é a melhor possível.

Francisco - E que adeanta que as intenções sejam boas quando elas nos prejudicam? Não, Lais, é demais. Eu não tenho temperamento para me sujeitar passivamente às vontades absurdas de meu pai.

Lais - O que é que você vai fazer, Francisco? Tenha calma. Não se precipite.

Francisco - Como posso ter calma no momento em que meu pai arranca de meu peito o meu sonho mais lindo de felicidade? O que vou fazer? Vocês hão de ver. Todos vão se surpreender da minha coragem Até ele.

Lais - Venha cá, Francisco, vamos conversar com calma, como amigos que somos. Eu quero que você me prometa não fazer nada precipitadamente. Eu compreendo a sua revolta mas compreendo também as intenções de seu pai. Você neste momento, levado ~~por essa~~ revolta, poderá fazer qualquer coisa que mais tarde venha a lhe custar um amargo arrependimento. É isto o que eu quero evitar e por isso lhe peço que se acalme bem antes de tomar qualquer resolução. (Passos que se aproximam)

Francisco - Não, Lais, eu já pensei muito durante esse enorme período de espera e sei bem o que tenho a fazer. Minha resolução não é um produto da revolta do momento porque eu já contava com a oposição de papai e já tinha pensado no que deveria fazer.

Fernando - (afastado) O que é que você vai fazer, Francisco? (Passos mais perto) Responda o que eu lhe perguntei. O que é que você vai fazer?

Francisco - Casar-me sem a permissão de papai.

Fernando - Francisco!... Você enlouqueceu?!... Você tem a coragem de pensar uma coisa destas? Que especie de filho é você? Onde está seu amor por nosso pai? Onde está seu carinho? Seu respeito? Sua dedicação? Estarão mortos em você todos esses sentimentos? Não, Francisco, eu nem posso acreditar. Você não falou seriamente. Você nem pensou no que disse. Um desgosto desta natureza levaria papai à sepultura e todos nós, depois, teríamos o direito de apontar a você como o autor de sua morte. Lembre-se que um pequeno sacrificio que sejamos obrigados a fazer por ele hoje não cobrirá os que ele fez por nós em toda a sua existencia. Confio em você, Francisco, e tenho a certeza absoluta de que você não nos decepcionará.

(CORTINA MUSICAL)

Dionisia - Mecê anda duenta, nhá Laisia?

Lais - Não, Dionisia. Por que?

Dionisia - Anda tão surumbaca. Tão pensativa. Quagi que nem fala com a gente.

Lais - Preocupações, Dionisia. Preocupações apenas. Não é nada de saúde, esteja descansada.

- Dionisia - Mas às veiz as pirocupação faiz a gente ficá duenta, minha fia.
- Lais - Sim, você não deixa de ter razão mas eu tenho esperanças de poder reagir e atravessar a crise que estou vivendo sem maiores consequencias.
- Dionisia - A nêga vêia bem que tá pelcebendo tudo, minha fia. É uma crisia difirce de vencê. Si mecê pudesse sai daqui e vivê longe dele...
- Lais - O que, Dionisia! É verdade que tu tambem já percebeste?
- Dionisia - Óra, minha fia, pois isso era uma coisa que tinha que acuntecê. Botá o fôgo perto da pôrva tinha que dá nisso memo. E pulque mecê num qué seu Fernando? É um rapaiz tão bão, tão dereito..
- Lais - Não é que não o queira, Dionisia e sei perfeitamente que ele é um rapaz bom e dereito. Toda a minha dúvida vem da grande diferença de idade existente entre nós. Ele é muito mais moço do que eu.
- Dionisia - Óra, minha fia, isso de indade num qué dizê. Tantos que se casa anssim e é bem filizio.
- Lais - Eu sei, mas... alem disto eu tenho a certeza de que o Dr. Breno não consentiria no nosso casamento. É principalmente esta a razão por que não desejo ceder. Fernando se entusiasmaria e sofreria depois muito mais ao ter que renunciar. Não, Dionisia, não pôde ser. Para o bem dele e para o meu próprio, devemos sufocar este amor antes que ele cresça. Mais vale prevenir do que remediar.
- Dionisia - Que coisa, meu Deus! Nessa casa ~~minha~~ parece que hay praga de arguem. Inda num saiu um namoro que num xege chorado. Isso é coisa feita de arguem. Credo, cruz, tiscunjuro!... Vai-te pra longe iscumungado do de monno!...
- Lais - Não ha nenhuma coisa feita, Dionisia. Não acredites nessas tolices. É o proprio destino que se diverte a dar reviravoltas na nossa vida!

(CORTINA MUSICAL)

- Francisco- (afastado) Dá licença, papai?
- Breno - Entra, meu filho. (Passos que se aproximam)
- Francisco- Vim trazer-lhe a carta que me mandou para ler.
- Breno - Muito bem. Por ela debes ter visto que tua tia Palmyra reclama a minha promessa de casar-te com sua filha. E esse casamento ela o reclama para o mais breve possivel em vista de achar-se doente e sentir que o fim se aproxima, com brevidade.
- Francisco- Mas papai, o senhor sabe que eu não amo minha prima.
- Breno - Isso não importa em que possas ser muito feliz com ela. Claudia Helena é uma moça bonita, inteligente, rica, possui uma educação primorosa e está perfeitamente apta a fazer feliz o homem mais exigente. Não creio que pudesses encontrar melhor partido.
- Francisco - Quer dizer então que papai me impõe esse casamento?
- Breno - Não, meu filho, teu pai não seria capaz de impor a sua vontade. Ele apenas tem a certeza de que tu não serias capaz de contrariá-lo. E tanto isto é verdade que já escrevi à minha cunhada avisando-a de que tu embarcarás para lá até o fim do corrente mês, para casar com tua prima. Ficas, pois, avisado e trata de começar o quanto antes os teus preparativos.

(CORTINA MUSICAL)

- Dionisia - Isso anssim num pôde sê, minha fia. Mecê tá cada veiz mais magra e num qué cumê?

- Lais - Tem sido uma luta terrível, Dionísia. Você tinha toda a razão. Eu deveria ter ido para bem longe dele, desde o início. Agora... agora já não sei se terei forças para não ceder.
- Dionísia- Mecê devia de acabá duma vez cum essa ingunia, minha fia. Devia de de xá o seu Felnendo falá com o seu dotô.
- Lais - É inútil, Dionísia. Eu tenho a certeza absoluta disto. Doutor Breno faz questão de nomes destacados para os seus filhos e eu, pobre de mim, nem nome tenho. Sou uma triste engeitada.
- Dionísia- O nome é bobage. Num é ele que faiz a filicidade das pessôa.
- Lais - Bem sei, mas infelizmente não são todos os que assim pensam. (Pausa) O que sei é que tenho sofrido demais pela minha imprudencia.
- Dionísia- Puis antão vai timbora, minha fia. Fôge desse infelno.
- Lais - Fugir para onde se não tenho para aonde ir? Ah, Dionísia, que longe estava eu de pensar que depois de ter sofrido tanto pelo coração, já em plena maturidade da minha vida, o destino ainda me faria verter am gas lágrimas de amor!...
- Dionísia- É a vida, minha fia. É a vida. O que é que a gente vai fazê?

(CORTINA MUSICAL)

- Consuelo - (afastada) ô dá licença, paisinho?
- Breno - Quem é? (Passos que se ~~afastam~~ aproximam)
- Consuelo - Sou eu, paisinho. Consuelo.
- Breno - Minha filha!... Como estás diferente!... Magra. Abatida! O que fazes aqui?
- Consuelo - Tenho sofrido muito, paisinho. (chorosa) Tenho sofrido tanto como o senhor nem imagina!... Venho pedir-lhe abrigo em sua casa.
- Breno - Como?! Vens pedir abrigo em minha casa? O que quer isto dizer?
- Consuelo - Que sou muito infeliz e não posso continuar a viver ao lado de meu ma rido.
- Breno - Não é possível. Tu estás delirando.
- Consuelo - Estou dizendo simplesmente a verdade, papai. Sou muito infeliz, acredite. E Deus é testemunha de que fiz tudo quanto era possível para amar e ser amada por ele. Mas foram tantas as contrariedades, tantos os dissabores e os maus tratos que acabei sucumbindo. Vi que não era mais possível tôlerar a vida em comum e fugi para a sua companhia.
- Breno - Mas isto não pôde ser, minha filha. Tu estás exaltada, estás nervosa. Então não compreendes que será um escândalo enorme na sociedade o saberem-te de novo em casa de teu pai e separada de teu marido? Não, minha filha, nada disto. Você vai voltar para junto dele.
- Consuelo - Paisinho, não, paisinho. (chorando) Tem pena de mim, eu te suplico. Deixa-me ficar aqui, por favor. Eu prefiro morrer a ter que voltar para junto daquele monstro.
- Breno - Não, minha filha, tenha paciência. Você vai voltar, como não? Feliz ou não o lugar verdadeiro da mulher é ao lado de seu marido. E seu pai não pôde admitir que você proceda de outra forma. Você nem desmanchará as suas malas. Vai voltar hoje mesmo e pelo primeiro trem. *Seu lugar é na tua casa. Vai lá aqui.*

(CORTINA MUSICAL)

- Lais - (abafada) Ouça, Dionísia: você vai fechar a porta e as janelas da rua e não as abrirá para ninguém; é ordem expressa do doutor Breno.
- Dionísia - Tá bem, minha fia, eu já vô fechá, mas inda que mar prigunte o que foi que acunteceu? Seu dotô e seu Felnendo tá cum umas cara tão trista!

Lais - Eu não sei si é para dizer ou não, em todo o caso como tu já fazes parte da familia eu vou contar-te o que aconteceu: (tom de segredo) Francisco deveria embarcar amanhã para casar-se com a prima. Tu sabias, não?

Dionisia - Sabia, sim sinhora. O coitadinho contô pra mim chorando lá na cozinha.

Lais - Pois bem: não se conformando com essa resolução do Dr. Breno, ^{fugiu outra} foi ontem à noite para a casa da sua antiga namorada e suicidaram-se os dois.

Dionisia - (chorosa) Num me diz, minha fia!... ^{de noite com a sua namorada e não foi possível encontrá-lo em parte alguma.} O meu rico fio morreu?

Lais - Psiu!... Cuidado. Olha que o doutor Breno pôde ouvir-te lá do gabinete. Morreu, sim, coitadinho. Preferiu a morte ao lado da creatura que amava a casar-se com outra a quem não tinha o menor afeto. ^{Ninguém sabe dele já te disse. O Dr. Breno e Fernando preocuparam por todo a}

Dionisia - E adonde é que ele tá, minha fia? Diz adonde é que ele tá que eu quero ir lá vê ele. ^{parte e sem resultado de alguma. Agora... só nos resta esperar que o tempo nos traga qualque notícia dele. Se}

Lais - Está lá mesmo onde morreu. Dr. Breno não quiz que trouxessem o corpo para casa e nem irá vê-lo. ^{tem que o Dr. Breno já declarou que ele nunca mais entrará nesta casa}

Dionisia - Mas eu quiria tanto vê ele! Será que ele num vai dexá?

Lais - ^{Pobre do meu fio! Eu quiria tanto ele.} Vais fechar a porta e as janelas da rua. Depois daremos um jeito de tu dares uma escapada até lá. ^{e depois, si vai te falarem no assunto não te espelhas de fúria que é ignorar.}

(CORTINA MUSICAL)

Lais - O que tens, Fernando? Tanto eu tenho te pedido que procures reagir. Faz como eu. Então o que é isto? Vai fraquejar justamente quando mais necessária se torna a tua energia?

Fernando - A parte que me cabe nos infortúnios da vida eu a suporto com coragem, Lais. O que me abate é justamente não poder poupar a papai tantos e tão repetidos desgostos. O coitado ainda não se refez do golpe horrível que sofreu com a morte de Francisco e já hoje recebe uma carta da superiora do convento comunicando a fuga de Dolores. ^{fugiu também vergenkosamente, abandonando o hábito e faltando ao juramento feito.}

Lais - O que é que estás me dizendo, Fernando? Dolores fugiu do convento?!...

Fernando - Sim. E o pior é que não se sabe que destino levou. Pobre papai!... Que filhos tão ingratos que não lhe teem poupado tristezas nem humilhações. Se visses como está abatido! É de causar dó. E pensar-se que jamais me diu sacrificios para criar-nos e educar-nos. Juro-te que nem sei si de va lamentar ou maldizer meus irmãos. Todos, todos eles, um após outro, só trouxeram a papai tristezas e sofrimentos. São as vidas como a de papai que nos fazem descreer, muitas vezes, da bondade infinita de um Deus!

Lais - Oh, Fernando, por favor, cala-te. Então não vês que blasfemas? Deus nos manda os infortúnios para experimentar a nossa capacidade de sofrer. Para experimentar até que ponto chegamos na nossa resignação. E aos que resistem com heroicidade ele reserva um prêmio lá no céu. Quem sabe lá que lugar estará reservado a teu pai!

Fernando - Mas é demais o que lhe tem sucedido aqui na terra, Lais. É de exgotar a paciência a um santo.

Lais - Deus sabe o que faz e não nos cabe o direito de revoltarmo-nos contra os seus designios. Agora o que é preciso é que te animes para que teu pai possa encontrar em ti o apoio que tanto necessita neste momento.

Fernando - Sim, Lais, tu tens toda a razão. É preciso que eu me encha de coragem para poder incuti-la no pobre e cansado coração de papai. E desta vez a coragem ha de sobrar para que eu lhe fale do nosso caso e se conseguir o seu consentimento havemos de nos casar em seguida.

(CORTINA MUSICAL)

Breno - Mas meu filho, como posso consordar em que te cases com uma moça que é muito mais velha do que tu? E além de tudo uma moça cuja verdadeira origem ninguém sabe?

- Fernando - Nada disto importa, meu pai. O essencial é que nos amamos profundamente e diante disto desaparecem todas as razões existentes.
- Breno - Mas não é possível, meu filho, não é possível. Afasta de ti essa ideia absurda.
- Fernando - Mas não é possível por que, meu pai? Basta desprezar um preconceito tolo e estarão afastados os obstáculos.
- Breno - Não, meu filho. Existem ainda obstáculos maiores e talvez impossíveis de serem afastados.
- Fernando - Pois então cite-os para convencer-me.
- Breno - Ouve, meu filho: Lais foi a única mulher a quem verdadeiramente amei.
- Fernando - (abafado) Papai!...
- Breno - Dona Mulália, que a criara de pequena, opôs-se ao nosso casamento devido à diferença de idades existente entre nós. Cego de despeito casei-me logo depois com a mulher que foi tua mãe. E por casar sem amor foi que a não pude tolerar mais do que os seis primeiros anos de casado. Era tal o aborrecimento e o tédio que ela me inspirava que para separar-me dela não tive a menor dúvida em inventar as razões que apresentei no meu processo de desquite.
- Fernando - (abafado) Que horror, meu Deus!...
- Breno - Sim, ela era boa e honesta e as razões que apresentei ~~eram~~ ^{foram} todas mentiras. E se confesso isto agora é pela necessidade que sinto de desabafar. Mas todas as mentiras, todas as infâmias que pratiquei foram por amor de Lais a quem eu não conseguira esquecer. E se a trouxe para a minha casa foi unicamente porque, desde a morte de tua mãe, alimentava secretamente comigo a esperança de ainda vir a casar-me com ela. E só esperava, para isto, que cada um de vocês tomasse o seu verdadeiro rumo. E agora... quando eu pensava justamente que o momento se aproximava, o meu filho dileto atravessa-se no meu caminho. (Pausa longa) Ai tens as verdadeiras razões da minha recusa. Ainda pensas casar-te com ela assim mesmo?
- Fernando - (após uma pausa) Meu pai: o senhor foi um ídolo para mim. Neste momento, porém, o ídolo se partiu. Antes nunca me tivesse revelado tantas infâmias e tantas baixezas. Hoje o que foi quasi um Deus para mim é um criminoso vulgar. Um criminoso, sim. Criminoso por ter deixado morrer nossa mãe sem o carinho de um só dos seus filhos pelas injúrias que interpoz entre nós e ela. Criminoso pela infelicidade de Consuelo a quem o senhor obrigou a casar sem amor. Criminoso, ainda, pela morte de Francisco e pelo destino incerto de Dolores e criminoso, finalmente, por apunhalar, com o seu egoísmo, o grande amor de minha vida. Oh meu pai, meu pai!... Quanto o amei e como o odeio neste instante. (Passos que se afastam)

(CORTINA MUSICAL)

(Batidas na porta, afastada)

- Fernando - (À para longe) Entre. (Passos que se aproximam, depois de abrir a porta) Lais!...
- Lais - Eu, sim, Fernando. E se soubesses a luta que enfrentei para encontrarte!... Porque fugiste para tão longe, sem ao menos me dizer para onde vinhas?
- Fernando - Fiquei completamente desorientado com as revelações de papai, Lais. Tu bem sabes que ele para mim era um verdadeiro ídolo.
- Lais - Sim, eu sei, mas felizmente o ídolo ^{se} partiu-se antes de causar a última catástrofe. E porque te amava e porque te amo muito, corri desesperada ao teu encontro. Ainda me queres, Fernando?
- Fernando - Muito. MUITÍSSIMO, Lais.

Lais - Tratemos então de restaurar as nossas almas varridas pelo vendaval tremendo da descrença e no nosso amor haveremos de encontrar a força necessária para seguir a trajetória que a vida nos aponta.

Fernando- Lais!... Minha querida Lais!... Que bom que tu vieste!...

Lais - ^x (Característica musical forte por alguns momentos)

SPEAKER: Ouviram " O ÍDOLO PARTIDO " mais uma produção de Roberto Lis para o Grande Teatro Difusora que é uma oferta da Pantaco S.A. Industria e Comercio aos seus amigos e favorecedores.

E lembre-se, amigo ouvinte, que no dia 15 do corrente, impreterivelmente, será encerrado o recebimento das cartas para o Grande Concurso Pantaco.

Mande amanhã mesmo a sua carta respondendo as seguintes perguntas:

Está satisfeito com o grande teatro Difusora?

Acha que ele deve ser modificado?

Quais as modificações que sugere?

Na proxima terça feira, às mesmas horas de hoje, Roberto Lis e seus Artistas apresentarão mais um brinde à Pantaco S.A. Industria e Comercio com a peça

"Foi numa noite, em Setembro".

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA FINAL DO PROGRAMA)

Lais x É trazo-te, ainda, uma notícia agradável. Francisco, Consuelo e Dolores se encontraram ~~na~~ sua casa de tua mãe ~~condicionados~~ que foram até lá, pela Dionísia que, ~~as escondidas~~, mantinha, ~~sempre~~, contato com elas. ~~Estão todos felizes~~ aguardam, todos ansiosos o nosso regresso.

x que os acolheu, felicíssima.

Fernando - ~~mas~~ É verdade, Lais? Mas como foi que se encontraram?

Lais - Dionísia nunca deixou de visitá-la ^{ocasionalmente} para levar-lhe notícias de seus filhos. Foi ~~ela~~ ^{sempre, assim, de} ligação entre a pobre vítima do egoísmo ^{de seu pai} e os filhos que ela foi obrigada por ele a abandonar. Hoje estão todos lá reunidos esperando, ansiosos, pela nossa chegada.

Fernando - E... e ele?

Lais - Não sei. Não sei, mas sei também se tua procura e Dionísia ~~foram de~~ ^{foram de} ~~qual~~ ^o que era meu para a casa de tua mãe. Não sei, ^o que fez nem como estará lá o pai

...você não sabe de nada. Mas a
seu respeito.

(LUIZ VIVEIROS)

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

...mas o que eu não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

(LUIZ VIVEIROS)

Sei e' que não quero saber de nada. Mas a
seu respeito.

Fernando - Meu eu Luis. O meu idolo se quebrou
e não há nada, portanto, de continuar a adorá-lo.

Luis - É claro. Viveiрос, de agora em diante,
a nossa vida, sorvendo as delicias de um
amor que é só nosso.

Fernando - Querida!... Que bom que fui vestê ao
meu encontro. Que bom!...